

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

PÁGINAS DA HISTORIOGRAFIA

ANTIGA, MEDIEVAL E RENASCENTISTA
Compiladas pelo Prof. Dr. Francisco José Alves

São Cristóvão - Cidade Universitária Professor José Aloísio de Campos - 2007

Caro (a) aluno (a):

O material que você tem às mãos é uma pequena coleção de trechos de historiadores da Antiguidade, do Medievo e do Renascimento. São, ao todo, dezoito fragmentos. Eles oferecem um painel que documenta **modos de conceber e escrever a historiografia** ao longo de vinte séculos, no seio da Civilização Ocidental, tradição a qual estamos, querendo ou não, intimamente ligados.

Reunindo estas páginas, meu propósito foi lhe possibilitar o contato direto com as feições tomadas pela historiografia no decorrer das épocas. Desde quando inventada pelos gregos antigos até o século XV a historiografia não permaneceu estacionada. Foi tomando o formato adequado às demandas próprias de cada época, de cada contexto, de cada ambiente cultural. **A historiografia é, como não poderia deixar de ser, expressão de cada tempo.** É gênero em constante transformação. Clio tem face multiforme.

Ao ler cada excerto atente para aspectos tanto da **forma** quanto do **conteúdo**. Sugiro que você faça a cada trecho transcrito as seguintes indagações: 1- de que obra o texto foi retirado? 2- quem foi o seu autor? 3- de que trata a obra e o fragmento? 4- a que instituição está o autor ligado? 5- qual a posição do autor quanto às fontes ou documentos utilizados? 6 - como o autor explica os sucessos narrados? 7 - como o autor formata o relato? 8 - que linguagem é usada? 9 - que usos o autor atribui à historiografia? 10 – que outros aspectos o trecho evidencia?

Para responder a estas indagações (e outras que a sua inteligência possa formular) faz-se indispensável consultar obras de referência: dicionários, enciclopédias e similares. Recomendo, particularmente, para ajudar a elucidar os trechos aqui reunidos: SPALDING, Tassilo Orpheu. **Pequeno Dicionário de Literatura Latina**. São Paulo: Cultrix, 1978; LOYN, H.R. (org) **Dicionário da Idade Média**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991; HARVEY, Paul (org) **Dicionário Oxford de Literatura Clássica Grega e Latina**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. MOISÉS, Massaud (org.) **Pequeno Dicionário de Literatura Portuguesa**, São Paulo: Cultrix, 1981; LUFT, Celso Pedro. **Dicionário de Literatura Portuguesa e Brasileira**. Porto Alegre: Globo, 1967; COELHO, Jacinto do Prado. (Org) **Dicionário das Literaturas Portuguesa, Brasileira e Galega**. Porto: Figueirinha, 1960. As inúmeras histórias das literaturas européias também serão de muita utilidade.

Bom “apetite” e proveito!

Professor Dr. Francisco José Alves - Aracaju, maio 2007.

Sumário

Texto 1: Trecho da Histórias , de Heródotos de Helicarnassos (480-425 a.C).....	p. 1
Texto 2: Trecho da História da Guerra do Peloponeso , de Tucídides de Atenas (460-400 a.C).....	p. 2
Texto 3: Trecho da História , de Políbios de Megalópolis (202-120 a.C)	p. 3
Texto 4: Trecho da História do Povo Romano , de Tito Lívio de Pádua (c.64-69 a.C - 17 d.C).....	p. 5
Texto 5: Trecho da História Eclesiástica , de Eusébio de Cesaréia.....	p. 6
Texto 6: Trecho da História , de Amiano Marcelino (c. 330-400 d.C).....	p. 7
Texto 7: Trecho da Legenda Áurea , de Jacopo de Varazze (c. 1229-1298).....	p. 9
Texto 8: Trecho da Primeira Vida de São Francisco , de Tomás de Celano (?-1260).....	p. 10
Texto 9: Trecho da Crônica Geral de Espanha , (1344) de Anônimo	p. 11
Texto 10: Trecho da Legenda Perusiana , (Séc 14)de Anônimo.....	p.12
Texto 11: Trecho da Crônica de Dom Fernando , de Fernão Lopes (1380-1460).....	p.13
Texto 12: Trecho da Crônica de Dom Pedro , de Fernão Lopes (1380-1460).....	p.15
Texto 13: Trecho da Crônica de Condestabre , de Fernão Lopes (1380-1460).....	p.17
Texto 14: Trecho da Crônica de Dom João Primeiro , de Fernão Lopes (1380-1460).....	p.18
Texto 15: Trecho da Crônica dos Feitos de Guiné , de Gomes Eanes de Zurara (1410-1460).....	p.20
Texto 16: Trecho da Crônica do Conde Dom Pedro , de Gomes Eanes de Zurara (1410-1460).....	p.22
Texto 17: Trecho da Crônica do Príncipe Dom João , de Damião de Góis. (1502-1574).....	p.23
Texto 18: Trecho da Crônica do Descobrimento da Índia , de Fernão Lopes de Castanheda (1500-1559)	p.25

TEXTO 1

1. Os resultados das investigações de Heródotos de Halicarnassos são apresentados aqui, para que a memória dos acontecimentos não se apague entre os homens com o passar do tempo, e para que os feitos maravilhosos e admiráveis aos helenos e dos bárbaros não deixem de ser lembrado-s, inclusive as razões pelas quais eles se guerrearam. Os doutos dizem que os fenícios foram a causa da desavença. Os fenícios, segundo afirmam os persas, chegaram ao nosso mar vindos do chamado mar Erítraio 2 e, estabelecendo-se no território que até agora ocupam, começaram imediatamente a empreender longas viagens. Entre outros lugares até onde levaram mercadorias egípcias e assírias eles chegaram a Argos; naquela época Argos se destacava em tudo na região atualmente chamada Hélade. Então os fenícios vieram até Argos e lá descarregaram suas mercadorias. No quinto ou sexto dia após a sua chegada, quando sua carga já estava quase toda vendida, veio à orla marítima, entre muitas outras mulheres, a própria filha do rei; de acordo com os relatos tanto dos persas quanto dos helenos, seu nome era Io, a filha de Ínacos. As mulheres ficaram nas proximidades da polpa da nau, e enquanto elas barganhavam os produtos que lhes interessavam, os Fenícios se animaram uns aos outros, para a tentativa, e correram em sua direção com o objetivo de agarrá-las. A maior parte das mulheres escapou, mais Io e algumas outras foram alcançadas; os Fenícios as arrastaram para a nau e partiram no rumo do Egito.

TEXTO 2

22. Quanto aos discursos pronunciados por diversas personalidades quando estavam prestes a desencadear a guerra ou quando já estavam engajados nela, foi difícil recordar com precisão rigorosa os que eu mesmo ouvi ou os que me foram transmitidos por várias fontes. Tais discursos, portanto, são reproduzidos com as palavras que, no meu entendimento, os diferentes oradores deveriam ter usado, considerando os respectivos assuntos e os sentimentos mais pertinentes à ocasião em que foram pronunciados, embora ao mesmo tempo eu tenha aderido tão estritamente quanto possível ao sentido geral do que havia sido dito. Quanto aos fatos da guerra, considere-me dever relatá-los, não como apurados através de algum informante casual nem como me parecia provável, mas somente após investigar cada detalhe com o maior rigor possível, seja no caso de eventos dos quais eu mesmo participei, seja naqueles a respeito dos quais obtive informações de terceiros. O empenho em apurar os fatos se constituiu numa tarefa laboriosa, pois as testemunhas oculares de vários eventos nem sempre faziam os mesmos relatos a respeito das mesmas coisas, mas variavam de acordo com suas simpatias por um lado ou pelo outro, ou de acordo com sua memória. Pode acontecer que a ausência do fabuloso em minha narrativa pareça menos agradável ao ouvido, mas quem quer que deseje ter uma idéia clara tanto dos eventos ocorridos quanto daqueles que algum dia voltarão a ocorrer em circunstâncias idênticas ou semelhantes em consequência de seu conteúdo humano, julgará a minha história útil e isto me bastará. Na verdade, ela foi feita para ser um patrimônio sempre útil, e não uma composição a ser ouvida apenas no momento da competição por algum prêmio.

Fonte: TUCÍIDES (c. 460- c. 400 a.C.). História da Guerra do Peloponeso. 4. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2001. Livro I, Capítulo 22.

TEXTO 3

1. Se os historiadores anteriores a mim tivessem sido omissos no elogio da História, talvez me fosse necessário recomendar a todos os leitores a preferência para seu estudo e uma acolhida favorável aos tratados como este, pois nenhum outro corretivo é mais eficaz para os homens que o conhecimento do passado. Entretanto, não somente alguns, mas todos os historiadores, e não de maneira dúbia mas fazendo dessa idéia o princípio e o fim de seu labor, procuram convencer-nos de que a educação e o exercício mais sadios para uma vida política ativa estão no estudo da História, e que o mais seguro e na realidade o único método de aprender a suportar ativamente as vicissitudes da sorte é recordar as calamidades alheias. Evidentemente, portanto, ninguém – e eu menos que qualquer outro – julgar-se-ia atualmente obrigado a repetir conceitos já expressos tão bem e com tanta freqüência. Com efeito, a própria singularidade dos eventos escolhidos por mim para meu tema será suficiente para desafiar e incitar a totalidade dos leitores, sejam eles jovens ou idosos, a conhecer a minha história pragmática. Pois quem seria tão inútil ou indolente a ponto de não desejar saber como e sob que espécie de constituição os romanos conseguiram em menos de cinquenta e três anos submeter quase todo o mundo habitado ao seu governo exclusivo - fato nunca antes ocorrido? Ou, em outras palavras, quem seria tão apaixonadamente devotado a outros espetáculos ou estudos a ponto de considerar qualquer outro objetivo mais importante que a aquisição desse conhecimento?

Fonte: POLÍBIOS DE MEGALÓPOLIS (202-120 a. C). História. Edição e tradução de Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1996. I, 1.

TEXTO 4

1 Conseguirei a recompensa do trabalho se registrar a história do povo romano, desde os primórdios da Cidade? – Não sei bem; nem, se soubesse, ousaria dizê-lo. 2 Tanto mais porque vejo a história como velha, e também conhecida, enquanto novos escritores crêem sempre ou que acrescentarão algo de mais certo aos fatos, ou que superarão pela arte de escrever a velhice inculta.

3 Seja como for, será um prazer, no entanto, eu mesmo, também haver contribuído, na medida de minhas forças, para a memória dos atos praticados pelo primeiro povo da terra. E se, em meio a tão grande multidão de escritores, a minha fama permanecer na sombra, eu me consolarei com a nobreza e a grandeza dos que ofuscarão meu nome.

4 Além do mais, a história é coisa também de uma obra imensa, visto que remonta além do septingentésimo ano e, tendo partido de exíguos inícios, cresceu a tal ponto que sofre agora pela sua grandeza. E não duvido absolutamente de que as primeiras origens, e os acontecimentos próximos às origens, darão menos prazer à maioria dos leitores, impacientes de chegar a estes novos tempos, nos quais se destroem elas próprias as forças do povo, outrora tão vigoroso.

5 Eu, ao contrário, procurarei também este prêmio para o meu labor: que, pelo menos durante o tempo em que, totalmente dedicado, eu rememorar aqueles tempos primitivos, eu me afaste da visão dos males que a nossa época presenciou durante tantos anos, absolutamente livre da inquietação que, embora não possa desviar da verdade o espírito do escritor, no entanto poderá torná-lo atribulado.

6 As glórias anteriores à fundação ou à idéia da fundação da Cidade, transmitidas mais por fábulas poéticas do que por documentos seguros de atos praticados, não tenho a intenção nem de confirmá-las nem de refutá-las. 7 Conceda-se à Antiguidade que, unindo homens e Deuses, torne mais augustos os primórdios das cidades. E, se convém permitir a um povo que consagre as suas origens e apresente, como autores, os Deuses, tal é a glória de guerra do povo romano que, se ele proclamar o muito-poderoso Marte como seu pai e pai do seu Fundador, as nações humanas suportarão isso tão tranqüilamente como suportam o seu império.

8 Estes fatos, porém, e outros semelhantes, como quer que sejam criticados ou apreciados, quanto a mim absolutamente não os levarei em grande consideração: 9 penso que cada um, por si mesmo, deve interessar-se ardentemente por aquilo que foi a vida, que foram os costumes, que foram os homens através dos quais, e as artes pelas quais, na paz e na guerra, foi o Império criado e dilatado. Afrouxando-se a seguir, paulatinamente, a disciplina, pode-se acompanhar, com o espírito, primeiro como que uma degeneração dos costumes; em seguida, como se afrouxaram cada vez mais, então começaram a mergulhar no abismo, até chegarmos a estes tempos, em que não podemos suportar nem os nossos vícios nem os seus remédios.

10 O que é particularmente salutar e fecundo no conhecimento dos fatos é olhar atentamente as lições de cada exemplo, constantes de um documento claro: aí se pode encontrar o que imitar para si e para a sua república; aí, o que evitar – indigno pelo começo, indigno pelo desfecho –. 11 E mais, ou

me engana o amor ao trabalho que empreendo, ou nenhuma outra república, jamais, foi maior ou mais santa ou mais rica de bons exemplos; nem houve cidade na qual a cobiça e a luxúria tivessem penetrado tão tarde, nem onde houvesse sido tão grande, por tanto tempo, a honra da pobreza e da parcimônia. Aliás, quanto menos bens, tanto menos cupidez havia. 12 Ultimamente, a riqueza e os prazeres abundantes arrastaram, aquela, a cobiça, estes, o desejo de perder-se e perder tudo pelo luxo e pela devassidão.

As queixas, porém, que nem mesmo hão de ser gratas quando forem, talvez, necessárias, pelo menos fiquem longe do início de tão grande empresa: 13 antes começaríamos, de muito bom grado, com bons presságios e votos e súplicas aos Deuses e às Deusas – se fosse também esse o nosso costume, como o é dos poetas –, para que concedessem um resultado feliz aos projetos de um trabalho tão grande.

Fonte: LÍVIO, Tito (c. 64-69 a. C. – 17 d. C.). História do Povo Romano. Apud: NOVAK, Maria da Glória (organizadora). Historiadores Latinos: Antologia Bilingüe. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 89, 91-93.

TEXTO 5

1. A sucessão dos santos Apóstolos, assim como o intervalo de tempo entre o Salvador e nós; a enumeração de tantos e tão importantes eventos no curso da História Eclesiástica; quantos nela mencionados presidiram e governaram com destaque as dioceses mais lustres; em cada geração, quantos fóram deputados para ministrar a palavra divina oralmente ou por escrito; quantos e quando os que, arrastados a erros extremos pela atração de novidades, anunciaram e introduziram uma falsa ciência (ITm 6,20), e semelhantes a lobos rapaces (At 20,29) cruelmente dizimaram o rebanho de Cristo.

2. Além disso, as tribulações sobrevindas a toda a nação judaica, logo após as insídias contra nosso Salvador; quantos, quais, em que tempo os ataques dos pagãos contra a palavra divina; os grandes varões que, em várias épocas, por ela suportaram suplícios e combateram até o derramamento do sangue; sobretudo, e entre nós, os testemunhos prestados e a benevolência misericordiosa do Salvador para conosco - tudo isso julgamos conveniente transmitir por escrito. Não quero outro exórdio a não ser o da realização da "economia" de nosso Salvador e Senhor Jesus, o Cristo de Deus.

3. O assunto, porém, requer indulgência benevolente em meu favor. Confesso ser tarefa acima de minhas forças o cumprimento íntegro e perfeito de meu compromisso. Sou, de fato, o primeiro a empreender tal iniciativa, atravessando paragens ínvias e ainda não trilhadas. Suplico a Deus seja meu guia e a força do Senhor me preste seu concurso.

De meus predecessores nesta estrada, impossível encontrar até mesmo simples pegadas, mas apenas descubro poucas informações dos que deixaram, cada qual a seu modo, indicações parciais de sua época. Suas palavras são fochos erguidos a nossa frente, ou brados de sentinelas que gritam de longe, do alto de uma torre. Assinalam por onde passar, a fim de que a narração se desenrole sem erro nem perigo.

4. Assim, respicarei entre as suas referências o que me parecer proveitoso ao fim proposto. Colherei nesta espécie de prado espiritual as passagens mais apropriadas dos autores antigos, tentando reuni-las organicamente numa descrição histórica. Ficaria satisfeito se conseguisse agora recordar, se não todos os sucessores, ao menos os apóstolos de nosso Salvador mais destacados nas Igrejas hoje ainda rememoradas.

Fonte: EUSÉBIO DE CESARÉIA (?). História Eclesiástica. São Paulo: Paulus, 2000. I, 1, 1-4.

TEXTO 6

[Juliano Diz Adeus à Vida]

Chegou, companheiros, o momento – que não poderia ser melhor – de deixar a vida que a natureza me está cobrando, e que eu folgo em restituir-lhe como um devedor de boa-fé, sem aflições ou queixas, como alguns poderiam pensar, imbuído, sim, do pensamento largamente difundido pelos filósofos de que a felicidade da alma supera a do corpo, e levando em consideração que, quando um elemento melhor se separa de um pior, temos motivos mais para alegrar-nos do que para sofrer, sem perder de vista que os próprios Deuses chegaram a premiar, como a maior das recompensas, a morte de alguns homens de conduta irrepreensível.

Estou plenamente convencido de que a mim me foi reservada a missão de não sucumbir diante de árduas dificuldades, de nunca me dobrar nem me abater, sabendo, por experiência própria, que os sofrimentos, se aos covardes afrontam, cedem diante dos obstinados.

Não me arrependo do que fiz nem me punge a lembrança de uma indignidade séria, quer no tempo em que vivi relegado à obscuridade e ao recolhimento, quer depois de ter assumido o poder imperial. Esse poder, que de certa forma emana da natureza dos Deuses, eu o mantive ilibado, dando mostra

de muita moderação no trato das questões civis e ponderando bem os motivos das guerras ofensivas e defensivas. É verdade que projetos bem concebidos nem sempre significam êxitos assegurados, uma vez que os resultados de qualquer empreendimento estão nas mãos dos poderes do alto.

Consciente de que o objetivo de um governo justo é o interesse e bem-estar dos seus súditos, sempre – como é do vosso conhecimento – me pautei pela busca de soluções apaziguadoras, banindo dos meus atos toda forma de permissividade, fator de desagregação da vida pública e dos costumes. Parto feliz e exultante porque, todas as vezes que a Pátria, como mãe imperiosa, me expôs deliberadamente aos perigos, portei-me com firmeza, acostumado a calcar aos pés o turbilhão da fortuna.

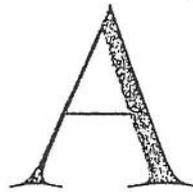
Não me acanho em confessar que, por uma profecia digna de fé, há tempo sabia que morreria em combate; rendo, pois, homenagem à infinita bondade divina porque não morro em uma conspiração secreta, nem entre as agruras de uma longa enfermidade, nem como um criminoso condenado; tornei-me digno de partir brilhantemente deste mundo em meio a uma carreira fecunda e gloriosa.

Se avaliarmos bem, o que teme a morte não difere do covarde: deseja a morte quando não é necessário, dela foge quando é o caso de enfrentá-la.

Bastam estas palavras, já que se esvai o vigor das forças. Sobre a escolha do novo imperador, de caso pensado deixo de falar para que, por inadvertência minha, não venha a preferir um candidato digno ou então, caso indique alguém que julgo capaz, não o exponha a uma situação de extremo perigo, se outro talvez for o preferido. Eu, como servidor zeloso do Estado, faço votos de que se encontre um bom dirigente para suceder-me.

Fonte: MARCELINO, Amiano (circa 330-400 d. C.). História. Apud: NOVAK, Maria da Glória (organizadora). Historiadores Latinos: Antologia Bilíngüe. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 285-287.

TEXTO 7



Abdão e Senen sofreram o martírio sob o imperador Décio, que ao submeter a Babilônia e outras províncias levou os cristãos que encontrou até a cidade de Córdoba, onde os matou por diferentes suplícios. Eles foram sepultados pelos dois vice-reis, Abdão e Senen, que, descobertos, foram levados acorrentados à presença de Décio, em Roma. Diante de Décio e do Senado, foi-lhes proposto que sacrificassem para recuperar a liberdade, caso contrário seriam jogados às feras e despedaçados e devorados por elas. Como desprezaram os ídolos e cuspiram em suas imagens, foram levados ao anfiteatro e lançados a dois leões e quatro ursos, que, contudo, não tocaram nos santos, ao contrário, protegeram-nos. Eles foram então mortos a golpe de espada e arrastados com os pés amarrados até uma imagem do Sol, ao lado da qual ficaram abandonados por três dias, até que o subdiácono Quirino os recolheu e os enterrou em sua casa.

Abdão e Senen foram martirizados ao redor do ano de 253 do Senhor. No tempo de Constantino, estes mártires, ao lado de outros dois, revelaram aos cristãos onde estavam seus corpos, que foram trasladados para o cemitério de Ponciano, onde Deus permitiu que fizessem muitos milagres em benefício do povo.

Fonte: VARAZZE, Jacopo de (c. 1229-1298) Legenda Áurea: vida de santos. Ed. de Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. p. 591.

TEXTO 8

PRÓLOGO

*Em nome do Senhor. Amém. Começa o prólogo
à vida do bem-aventurado Francisco*

1. Quero contar a vida e os feitos de nosso bem-aventurado pai Francisco. Quero fazê-lo com devoção, guiado pela verdade e em ordem, porque ninguém se lembra completamente de tudo que ele fez e ensinou. Procurei apresentar pelo menos o que ouvi de sua própria boca, ou soube por testemunhas de confiança. Fiz isso por ordem do glorioso Papa Gregório¹, conforme consegui, embora em linguagem simples. Oxalá tenha eu aprendido as lições daquele que sempre evitou o estilo floreado e desconheceu os rodeios de palavras!

2. Dividi em três pequenos livros tudo que consegui ajuntar sobre o santo homem, distribuindo a matéria em capítulos, para que a mudança dos tempos não confundisse a ordem dos fatos e não pusesse a verdade em dúvida.

O primeiro livro segue o correr da história, é dedicado principalmente à pureza de sua vida, aos seus santos costumes e edificantes exemplos. Aí foram colocados só alguns dos muitos milagres que o Senhor nosso Deus se dignou operar por meio dele enquanto viveu nesta terra.

O segundo livro conta os acontecimentos desde o penúltimo ano de sua vida até seu feliz passamento.

O terceiro contém uma porção de milagres — embora não conte a maior parte — que o gloriosíssimo santo tem operado na terra agora que está reinando com Cristo nos céus. Também fala da devoção, da honra, do louvor e da glória que lhe tributaram o glorioso Papa Gregório, e com ele todos os cardeais da santa Igreja Romana, devotissimamente, quando o canonizaram.

Graças a Deus onipotente, que sempre se mostra admirável e bondoso em seus santos.

Fim do prólogo

Fonte: CELANO, Tomás (? – 1260) Primeira Vida de São Francisco. Apud: ASSIS, Francisco de. Escritos e Biografias/Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 177-178.

TEXTO 9

[D. Affonso Henriques em Figueira Velha]

Quando el-rey Dom Affonso compria vinte e quatro annos de sua idade, tomou aos Mouros Leiria e Torres Novas a el-rey Ismar, que era rey da Estremadura.

E desque tomou estas villas tornou-se para Coymbra, e estando hy quis tomar Santarem.

E cavalgou com todos seus cavaleiros e foy-se a huum campo acerca da çidade, a que chamaõ Arnado, e apartou comsigo Dom Lourenço Viegas e Dom Gonçalo de Sousa e Dom Pedro Paaez, o alferez, e outros dous cavaleiros, mas ¹ a estoria nom diz quaaes, e contou-lhes como havia em coração de tomar Santarem. E elle[s] falaram em ello de muitas maneiras; mas emfijm acordaram-se todos que a poderiam furtar, se posessem seu feito em boo regimento.

Esto assy determinado, tornou-se el-rey para seus paaços. E indo per Figueira Velha, disse huã molher contra as outras:

— El-rey foy agora falar com seus privados que fossem furtar Santarem.

E quando el-rey ouviu o que a [molher dizia, foy maravilhado. E despois que forom no paaço, chamou hos com que falára em segredo, e disse-lhes:

— Ouvistes o que disse [a]quella molher? Seede çertos que, se algum de vós de my fora partido, que eu cuidára que fora descuberto por elle; e assy ouvera a minha sanha contra sy sem mereçimento!

Fonte: CRÔNICA GERAL DE ESPANHA 1344. Apud: VASCONCELOS, José Leite de. Textos Arcaicos. 4. ed. Lisboa: Livraria Clássica, 1959. p. 57.

TEXTO 10

Pensando que ia morrer, abençoa os frades
distribuindo-lhes o pão bento

117. Uma noite, o bem-aventurado Francisco sentiu-se tão atormentado com as dores das suas doenças que mal pôde descansar e dormir. Na manhã seguinte, um pouco mais aliviado, mandou chamar os frades daquele convento. Assentados à sua volta, contemplou-os a todos, imaginando ver neles, todos os frades da Ordem.

Começando pelo primeiro, abençoou-os, pondo a mão direita sobre a cabeça de cada um, entendendo assim abençoar todos os frades que na Ordem havia e todos os que nela viessem a entrar, até ao fim do mundo. Parecia acabrunhado pelo desgosto de não ver todos os seus filhos e irmãos, antes de morrer.

Depois, mandou buscar alguns pães e abençoou-os; e, como não era capaz de os partir, por causa da enfermidade, pediu a um irmão que o fizesse, distribuindo ele um pedaço a cada um, recomendando que o comessem todo. Parecia aos frades que, tal como o Senhor na Quinta-feira Santa quis comer com os seus apóstolos, também o bem-aventurado Francisco queria abençoá-los, e neles, todos os frades, antes de morrer; como se na sua companhia estivessem todos os frades comendo aquele pão bento.

Tanto assim que, não sendo aquele dia quinta-feira, ele confessou aos irmãos estar persuadido que era.

Um dos frades guardou um pedaço daquele pão, e, depois da morte do bem-aventurado Francisco, alguns doentes que provaram dele ficaram logo curados.

Fonte: LEGENDA PERUSIANA (século XIV). Apud: ASSIS, Francisco de. Escritos e Biografias/Crônicas e outros testemunhos do primeiro século franciscano. 9. ed. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 446.

TEXTO 11

[O CASAMENTO DO REI D. FERNANDO]

Foram em outro dia muitas gentes juntas, no alpendre daquele mosteiro de S. Domingos, onde el-Rei havia de vir ouvir, por parte do povo, as razões que lhe haviam de dizer a êste casamento não ser bom; e entre os muitos que ali vieram, estavam aí os do Desembargo de el-Rei, todos; e Fernão Vasques, que havia de propor, enquanto el-Rei não vinha, começou de dizer contra êles:

— Senhores: a mim deram cárrego (1), estas gentes que aqui são juntas, de dizer algumas cousas a el-Rei, nosso Senhor, que entendem por sua honra e serviço; e porque é direito escrito que, sendo as partes principais presentes, que o ofício do procurador deve de cessar no que êles bem souberem dizer, vós outros, que sois principais partes neste feito, e a que isto mais tange que a nós, devíeis dizer isto, e eu não; porém, não embargando que (2) assim seja, eu direi aquilo de que me deram cárrego, pois vós outros nisso não quereis pôr mão, mostrando que vos doeis pouco da honra e serviço de el-Rei, nosso Senhor.

Aguardando êles todos ali, e falando muitas e desvairadas razões neste feito, soube-o el-Rei em seus paços, onde estava; e, vendo como todos estavam alvoroçados, e as razões que geralmente diziam, a contradizer aquêlê casamento, não quis lá ir, e partiu-se da cidade, com D. Leonor, o mais escusamente (3) que pôde. E ia dizendo pelo caminho:

— Olhai aquêles vilões traidores, como se juntavam! Certamente, prender-me quizeram, se lá fôra!...

Os que estavam no mosteiro aguardando, quando souberam que se el-Rei partira daquela guisa, tiveram-se por escarnidos (4), cheios de melancolia (5) e palavras desonestas contra êste casamento; e não sòmente em Lisboa, mas em Santarém, e em Alenquer, e em Tomar, e Abrantes, e outros lugares do Reino, falando as gentes dêste casamento quanto lhes parecia feio e não para ser.

D. Leonor a que dêste feito muito pesava, receando-se que, por azo de (6) tais ajuntamentos e falas, poderia ser que a deixaria el-Rei, dizem que mandava saber, por inculcas (7), quais eram os que nisto mais falavam contra ela, razoando mal de tal casamento; e havia com el-Rei (8) que os mandasse prender e fazer nêles justiça.

E foi assim, de feito, que em Lisboa foi prêso depois Fernão Vasques, aquêle alfaiate que ouvistes, e outros; e foram decepados, e tomados os bens dêles, e fugiram. E assim em alguns lugares do Reino.

E a muitos que andavam fugidos por esta razão, perdoou el-Rei dêpois, e não houveram pena.

LOPES, Fernão (1380-1460). Crônica de Dom Fernando. Apud: SPINA, Sigismundo. (org.) Presença da Literatura Portuguesa: Era Medieval. 9. ed. Rio de Janeiro: Bestrand, 1991. p. 103-105.

TEXTO 12

[RETRATO DE D. PEDRO]

Este Rei D. Pedro era muito gago, e foi sempre grande caçador e monteiro (1), em sendo infante e depois que foi rei, trazendo grande casa (2) de caçadores e moços de monte, e de aves, e cães, de todas as maneiras que para tais jogos eram pertencentes (3).

Ele era muito viandeiro (4), sem ser comedor mais que outro homem; que suas salas (5) eram de praça (6) em todos os lugares por onde andava, fartas de vianda, em grande abastança.

Ele foi grande criador (7) de fidalgos de linhagem, porque naquele tempo não se costumava ser "vassalo", senão filho, e neto, ou bisneto de fidalgo de linhagem; e por usança haviam então a quantia que ora chamam maravedis (8), dar-se no berço, logo que o filho do fidalgo nascia, e a outro nenhum não.

Este Rei acrescentou muito nas quantias dos fidalgos, depois da morte de el-Rei seu padre; ca, não embargando (9) que el-Rei D. Afonso fosse comprido de ardimento (10) e muitas bondades, tachavam-no, porém, de ser escasso, e de apertamento de grandeza (11). E el-Rei D. Pedro era em dar mui ledo; e tanto, que muitas vezes dizia que lhe afrouxassem a cinta, que então usavam não mui apertada, para que se lhe alargasse o corpo, para mais espaçosamente poder dar, dizendo que o dia que o rei não dava, não devia ser havido por rei.

Era ainda de bom desembargo (12) aos que lhe requeriam bem e mercê; e tal ordenança tinha nisto, que nenhum era detido em sua casa por cousa que lhe requeresse.

Amava muito fazer justiça com direito. E, assim como quem faz correição (13), andava pelo Reino; e, visitada uma parte, não lhe esquecia de ir ver a outra; em guisa que poucas vêzes acabava um mês em cada lugar de estada.

Foi muito mantenedor de suas leis, e grande executor das sentenças julgadas; e trabalhava-se (14) quanto podia das gentes não serem gastadas (15) por azo (16) de demandas e prolongados pleitos.

E se a *Escritura* (17) afirma que, por o Rei não fazer justiça, vêm as tempestades e tribulações sobre o povo, não se pode assim dizer dêste; pois não achamos, enquanto reinou, que a nenhum perdoasse morte de alguma pessoa, nem que a merecesse por outra guisa, nem lha mudasse em tal pena por que pudesse escapar a vida.

A tôda a gente era galardoador dos serviços que lhe fizessem, e não somente dos que faziam a êle, mas dos que

havia feitos a seu padre; e nunca tolheu (18) a nenhuma cousa que lhe seu padre desse, mas mantinha-a e acrescentava nela.

Este Rei não quis casar (19) depois da morte de D. Inês, em sendo infante, nem depois que reinou, lhe prouve receber mulher; mas houve amigas com que dormiu, e de nenhuma houve filhos, salvo de uma dona, natural da Galiza, que chamaram Dona Teresa, que pariu dêle um filho que houve nome D. João, que foi Mestre de Avis em Portugal, e depois rei, como adiante ouvireis. O qual nasceu em Lisboa, onze dias do mês de abril, às três horas depois do meio dia, no primeiro ano do seu reinado. E mandou-o el-Rei criar, enquanto foi pequeno, a Lourenço Martins da Praça, um dos honrados cidadãos dessa cidade, que morava junto com a igreja cathedral, onde chamam a Praça dos Canos; e depois o deu, que o criasse, a D. Nuno Freire de Andrade, Mestre da Cavalaria da Ordem de Cristo.

1) *monteiro*: caçador de monte; 2) *grande casa*: grande quantidade; 3) *pertencentes*: próprios; 4) *viandeiro*: apreciador de carnes; 5) *salas*: banquetes; 6) *de praça*: franqueados a todos; 7) *criador*: protetor; 8) *maravedis*: sôlido dado pelos reis aos fidalgos que o serviam; 9) *não embargando*: não obstante; 10) *comprido de ardimento*: bem dotado de coragem, de intrepidez; 11) *apertamento de grandêza*: mesquinhez; 12) *de bom desembargo*: rápido, expedito no despacho; 13) *correição*: visita do corregedor à comarca, para emendar os danos e fazer justiça; 14) *trabalhava-se*: esforçava-se; 15) *gastadas*: prejudicadas; 16) *por azo*: por causa; 17) *Escritura*: Bíblia; 18) *tolheu*: tirou, confiscou (preferimos esta à forma *colheu*, que aparece na *Antologia* de Agostinho de Campos. *Tolheu* é a forma que figura na edição da Academia Real das Ciências de Lisboa); 19) Suprimimos a pontuação (:) apresentada por A. de Campos, bem como procuramos acrescentar neste último parágrafo as expressões que os escrúpulos do Antologista procuraram suprimir.

LOPES, Fernão (1380-1460). Crônica de Dom Pedro. Apud: SPINA, Sigismundo. (org.) Presença da Literatura Portuguesa: Era Medieval. 9. ed. Rio de Janeiro: Bestrand, 1991. p. 98-100.

TEXTO 13

Como El-Rey ffoi çerqar Campo Mayor

Partyo El-Rey de Monçom, e veo-se a Lixboa, e leixou hij a Rainha, por hir çerqar Campo Mayor, hũu bõo lugar de sseu Reyno antre Tejo e Odiana, que tijna

vooz d'El-Rey de Casteela: e estaua em elle por alcaide Gil Vasquez de Barbudo, primo do meestre Dom Martiñhannes.

E elle em Estremoz, com suas jentes, hu chegou o primeiro dia de sêtenbro, e o comdestabre com elle, ouue conselho de çerqar primeiro Ulyuença, que tinha Pero Roys da Ffonsequa, mantendo vooz de seus ymygos: Pero Rojz, qoamdo esto soube, que se queria ir lançar sobr'elle, ffez-lhe ssaber que queria ser seu, e ffazer menajem do lugar. E El-Rey mandou laa Afonssso Vasquez Correa, comendador d'Orta Lagoa, e Gonçalo Lourenço, seu escriuão da purydade, pera afirmarem com elle o que lhe enuyava dizer; e ffeitos taees prometimentos, sem vontade de os assy goardar, tornaran-se a El-Rey os que assi la fforam.

E elle partio logo, e ffoy çerqar Canpo Mayor, e chegou ssobre o lugar quinze dias do dito mes. E jazemdo asy sobre elle, o iffante Dom Joham, que amdaua em Casteela, se veo a Ulyuença, e Pero Rojz o reçebeo na vila, e ffaleçeo da verdade que prometera a el-rey, ca elle nom ffezeera aquelo, senom pelo toruar de se nom ir lançar sobre elle.

LOPES, Fernão (1380-1460). *Crônica de Condestabre*. Apud: VASCONCELOS, José Leite de. (Org). *Textos Arcaicos*: 4 ed. Lisboa: Clássica, 1959. p. 81-83.

TEXTO 14

Em Portugall ouue huum grande caualleiro muy fidalgo e de grande sangue, que auia nome dō Gonçallo Pereyra. Este era nobre e de linhagem de condiçam, e de grande casa, e acompanhado de muytos boõs parentes, e criados. E este era muy graado, e dava de boom coraçam o que auia, assi aos que o seruiam como aaquelles que o nom seruiam: em tanto que por sua grandeza era prasmado dalguũs seus chegados por assi dar tam graadamente. E elle por causa que lhe em esto fallassem nom curaua: tanto era incrinado a esta condiçam, antre as outras muytas e muy boõas que auia.

E este dom Gonçallo Pereyra ouue filhos e filhas de que aqui nom faz mençom se nom de huum que ouue nome dom Gonçallo Pereyra, como seu padre: o qual foy Arcebispo de Braga. E este Arcebispo dom Gonçallo Pereyra ouue huum filho a que chamarom dom frey Aluaro Gonçallez Pereyra, que foy Priol do Esprital: o qual foy grande e honrrado, e rico de muytas riquezas, e de muytas virtudes, ca era nobre de condiçam e boom caualleiro e muy entendido. E foy fora deste regno ao conuento de Rodes muy grandemente e bem acompanhado, assy de caualleiros e escudeyros, como de cauallos muy boõs, e doutras cousas que lhe cumpriam. E fez na hordem muytas obras, e bõoas cousas, por acrecentamento d'ella: antre as quaes fez o castello da Ameeyra, que é castello forte e muy fermoso; e os paços e assentamento de Bom Jardim, que he obra assaz vistosa e fermosa; e fez mais Frol de Rosa, lugar muy forte, e bem obrado, e edificou em elle huãa muy honrrada ygreja de Sancta Maria, muy deuota, e em que Deos faz muytos milagres. E por mais honrrar o lugar, de nouo ordenou delle comenda, e enexou-lhe muytas rendas da hordem pera o comendador dela viuer bem e honrradamente. E foy em muytos boõs e grandes feytos, assi por servir seu Rey, como por sua honrra. E partia grandemente o que auia, assi com seus parentes, como com outros muytos que o nom eram: e de todos era bem seruido e amado e bem acompanhado. E foy priuado de tres Reys de Portugall: del Rey dom Affonso, e del Rey dom Pedro, e del Rey dom Fernando, os quaes todos e cada hum delles se sempre delle ouueram por bem seruidos, e àconselhados,

por seu muy gram siso e bõa discrição: e o amarõ e prezarom muyto, em especial el Rey dom Fernando.

E este Priol dom Alvaro Gonçalvez Pereyra viueu longamente, e ouue trinta e dous filhos, antre filhos e filhas, de que por agora este liuro nom faz mençom: senom de dous.s.dom Pedralurez Pereyra, que depois de seu padre foy Priol do Esprital, que era filho de hũa madre, e de dõ Nuno Alurez Pereyra, do qual he a estoria, filho de outra madre, a qual chamaram Eyrea Gonçalvez do Carualhal: a qual foy huũa muy boõa e muy nobre molher, e estremada em vida acerca de Deos depois que ouue aquelle filho, e viveo em grande castidade e abstinencia, nom comendo carne nem bebẽdo vinho per espaço de quarenta annos, fazendo grandes esmolas e grandes jejuũs, e outros muytos beês: e foy grande tempo couilheira da Infanta dona Beatriz, filha del Rey dom Fernando, que depois foy Raynha de Castella, sendo pera ello escolheyta por sua grãde bondade.

LOPES, Fernão (1380-1460). Crônica de D. João I. Apud: VASCONCELOS, José Leite de (org.). Textos Arcaicos. 4 ed. Lisboa: Clássica, 1959. p. 79-81.

TEXTO 15

[O RETRATO DO INFANTE D. HENRIQUE]

Parece-me que eu escreveria sobejo, se per extenso quisesse recontar tôdalas particularidades que alguns historiães (1) costumaram descrever daqueles príncipes, a que enderegavam suas estórias. E esto é que, escrevendo seus feitos, cobiçosos de engrandecer suas virtudes, faziam começo nos autos (2) de sua primeira idade. E pero (3) seja de presumir que autores de tanta suficiência não passassem alguma cousa sem certa fim, eu, polo presente, me afasto de tal escritura, conhecendo que em este lugar seria trabalho de pouca necessidade. Nem ainda das feições corporais não entendo fazer grã processo, porque muitos houveram em este mundo bem proporcionadas feições, que por seus desonestos vícios cobraram grande doesto (4) pera sua fama, e que al não seja, abaste o que o Filósofo diz sobre este passo, *scilicet*, que a fremosura corporal não é perfeito bem. E assi que, tornando a meu propósito, digo que este nobre príncipe houve a estatura do corpo em boa grandeza, e foi homem de carnadura grossa, e de largos e fortes membros; a cabeladura havia algum tanto alevantada; a cor de natureza branca, mais (5), pola continuação do trabalho, per tempo tornou doutra forma. Sua presença, do primeiro esguardo (6), aos não usados era temerosa; arreyatado em sanha (7), empero (8) poucas vezes, com a qual havia mui esquivo sembrante. Forteleza de coração, e agudeza de engenho, foram em ele em mui excelente grau. Sem comparação foi cobiçoso de acabar grandes e altos feitos. Luxúria nem avareza nunca em seu peito houveram repouso, porque assi foi temperado no primeiro auto, que toda sua vida passou em limpa castidade, e assi que virgem o recebeu a terra. E que posso dizer da sua grandeza, senão que foi extrema antre tôdolos príncipes do mundo?! Este foi o príncipe sem coroa, segundo meu cuidar, que mais e melhor gente teve de sua criação. Sua casa foi um geral acolhimento de tôdolos bons do Reino, e muito mais dos estrangeiros, cuja grande fama fazia acrescentar muito em suas despesas; ca comunalmente se achavam em sua presença desvairadas nações (9) de gentes tão afastadas de nosso uso que cási todos o haviam por maravilha; dante o qual nunca nenhum soube partir sem proveitosa benfeitura. Todos seus dias passou em grandíssimo trabalho, ca por certo antre tôdalas nações dos homens, não se pode falar dalgum que mais grandemente senhoreasse de si mesmo. Duvidoso seria de contar quantos pares de noutes seus olhos não conheceram sono, e o corpo assi austinado (10) que cási parecia que reformava outra natureza. Tanta era a continuação de seu trabalho, e per

tão áspera maneira que, assim como os poetas fingeram que Átalas, o gigante, sustinha os céus com os ombros, pela grande sabedoria que em ele havia acerca dos movimentos dos corpos celestiais, assi as gentes do nosso Reino traziam em vocábulo (11) que os grandes trabalhos deste príncipe quebrantavam (12) as altezas dos montes. Que direi senão que as cousas que aos homens pareciam impossíveis, a sua continuada força as fazia parecer ligeiras? Foi homem de grande conselho e autoridade, avisado (13) e de boa memória, mais em algumas cousas vagaroso, já seja que fosse polo senhorio que a freima (14) havia em sua compreensão, ou por enlição (15) de sua vontade, movida a alguma certa fim, aos homens não conhecida. Havia o gesto (16) assessegado, e a palavra mansa; constante nas aversidades, e nas prosperidades homildoso. Certo sou que nunca algum príncipe teve vassalo de semelhante estado, nem ainda menos com grande parte, que o houvesse em maior obediência e reverência do que este houve aos reis que em seu tempo foram em Portugal, especialmente a el-Rei D. Afonso, no começo de seu novo regimento, como em sua crônica mais largamente podeis saber. Nunca me ele foi conhecido ódio, nem má vontade contra alguma pessoa, por grave erro que lhe fizesse, e tanta era sua benignidade acerca desto, que o reprochavam (17) os entendidos que falecia na justiça distributiva, ca em tôdalas outras partes se havia igualmente. E esto tinham assi, por que a alguns seus criados, que o leixaram no cerco de Tânger, que foi o mais perigoso caso em que ante nem depois esteve, sem alguma outra punição, não somente os reconsehou a si, mas ainda lhes fez avantajados acrescentamentos sobre alguns outros que o bem serviram, os quais, quanto ao juízo dos homens, eram longe de seu merecimento. E este só falecimento achei que vos dele escrever. E porque Túlio manda que o autor possa razoar sobre seu escrito o que lhe justamente parecer, no sexto capítulo desta obra farei sobre elo (18) alguma declaração, por ficar verdadeiro autor. Muita pequena parte de sua idade bebeu vinho, e esto foi logo no começo de sua criação, mas depois em toda sua vida foi dele privado. Grande amor houve sempre à cousa pública destes reinos, despoendo grande parte de seu trabalho por seu bom aviamento, e muito folgava de provar novas experiências por proveito de todos, ainda que fosse com sua grande despesa, e assi se deleitava muito no trabalho das armas, especialmente contra os inimigos da santa fé, e assim desejava paz com tôdolos cristãos.

ZURARA, Gomes Eanes de (1410-1460). Crônica dos feitos de Guiné. Apud: SPINA, Sigismundo. (org.) *Presença da Literatura Portuguesa: Era Medieval*. 9. ed. Rio de Janeiro: Bestrand, 1991. p. 117-119.

TEXTO 16

Quando elle esta Istoria mandou escrepver jaa eram passados a cerca de vinte annos, que regnava, nos quaes se passaram muy grandes e notaveis feytos e assi acabados por sua propria Pessoa, como por seus servidores, e naturaes por sua ordenança e mandado: e como quer que eu mais quizera ser, mais ocupado em razom de seus feitos, que dos alheios, principalmente pelas muitas virtudes, que sempre nelle conheci, e por ser mais obrigado a elle, que a outra alguua pessoa terreal, elle nunca em ello quiz leixar obrar segundo meu dezejo, ante per muitas vezes me requereo, e encomendou, que me trabalhasse da junctar, e escrepver os ditos feitos principalmente por louvor, e gloria d'aquelle Conde, e dos outros nobres, e virtuosos varoens, que com elle por defensom da santa Fee, e honrra da Coroa de Portugal, naquella Cidade tam virtuosamente trabalharam. E assy que o bom desejo, e a vontade deste Rey D. Affonso foi a principal causa de se esta obra começar, e acabar; e des y requerimento de huma filha d'aquelle Conde, que se chamava Dona Leonor de Menezes molher por certo virtuosa e de gran saber, a qual foi casada con Don Fernando Bisneto d'ElRey Dom Joham, e Filho primogenito do Illustre, e Virtuoso Principe Dom Fernando, que foi Duque de Bragança, e Marquez de Villa Viçosa, de Arrayólos, e d'Ourem e de Barvellos e de Neiva, e Senhor do Chaves, de Monforte. E porque segundo o Filósofo o recompensamento do ganhe deve ser dado e aquelle, que he muito nobre e excellente; devem por certo todos os que vierem de geraçom deste Conde, assy por via direita, como colateral, ser muito obrigados a este Rey, porque naõ soamente se contentou de os fazer escrepver em nosso proprio vulgar portuguez, mas ainda os fez traduzir aa Lingua Latina, porque nom soamente os seus naturaes ouvessem conhecimento e saber das grandes Cavallarias d'aquele Conde, e dos outros que com elle concorrerom, mas que ainda fossem manifestos a todo conheccimento de a nobreza da Christandade, per Mestre Mateus de Pisano, que foi Meestre deste Rey Dom Affonso, o qual foi Poeta Laureado, e hum dos sufficientes Filósofos e Oradores que em seus dias concorrerom na Christandade.

ZURARA, Gomes Eanes de (1410-1460). Crônica do Conde Dom Pedro. Apud: RIBEIRO, João. (org.) *Selecta Clássica*. 4. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1931. p. 44-46.

TEXTO 17

DOM RODRIGO que era sagaz, suspeito de este mensageiro o deteve alguns dias sem lhe dar avia-mento para passar adiante, e entre praticas que tiverão achou que suas palavras não concertavam bem, pelo que fez tanto, que por manha houve ás mãos as cartas, e instrucções que levava em cifra de que logo mandou o treslado a el REI DOM EMANUEL, e a DOM PEDRO; para mais dissimulação deixou ir com seu recado.

Continha-se em summa nos apontamentos que este DOM PEDRO levava para MOLEI MAFAMED, REI DE FEZ, que se fizesse vassallo del Rei DOM FERNANDO com tributo de mil dobras zeinas, e lhe desse escala franca de todas as mercadorias que fossem de seus reinos para os de FEZ, e que no dito reino de FEZ não entrassem outras mercadorias senão as que el REI DOM FERNANDO lá mandasse, de que os queria prover em abastança em navios seus proprios, e que para segurança dos navios e mercadorias lhe desse arrefens, e fortalezas na costa do mar, e lhe entregasse todas as fustas e navios de remos que houvesse no reino de FEZ, e ao diante se não fizessem mais nenhuns que fossem de remo; e que fazendo isto haveria entre elle e seus reinos paz perpetua. Os quaes artigos erão tão desarresoados, que bem sabia el REI DOM FERNANDO que não havia el Rei de Fez de consentir nelles, para com esta aução dar cõr á guerra que lhe queria fazer.

GOIS, Damião de (1502-1574). Crônica do Príncipe Dom João. Apud: RIBEIRO, João. (org.) *Selecta Clássica*. 4. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1931. p. 149-150.

TEXTO 18

Vinda a moução pera a India se partirão estes capitães que ali inuernauão, Diogo de mello pera Ormuz õde soube que estaua ho governador, & dom Pedro de castro pera a India & chegou aa barra de Goa em Agosto. E estando gente toda em terra, vespera de Assumpçã de nossa senhora se leuanteou hua tão braua & medonha tormenta no mar que parecia que tudo se fundia, & a náo de dom Pedro que se chamaua a Nazaré por ser velha começou dabrir & fazer agoa per muytas partes: o que sabido por dom Pedro acodio logo com algũa gente com quanto avia muyto perigo ao sayr da barra por os mares andarem muy grossos, & por a náo ter necessidade de gente que lhe acodisse fazia a Francisco pereyra pestana capitão da cidade ir por força, e Antonio galuão se embarcou em hum batel com seus criados & amigos, e seys ou sete que foram da seu pay, e foy dos primeyros que acodio, e era tamanho o marulho que andaua no rio por onde hia-que não hião agoardando se não quando ho batel auia de çoçobrar, pelo que hum Simão vaz pedio a Antonio galuão que ho mandasse poer em terra e ele ho fez com dó dele, em ele saltando saltarão outros dous, & se acolheram. E não ha de despantar, porque segundo muytos me contarão ho mar & o rio andauão tão espantosos com o furioso vento que os reuoluia, que parecia que querião destuyr tudo: & que era hum dos sinais dantes do dia do juyzo, & assi ho achou Antonio galuão auendo vista da barra em que andauão os mares tão altos que parecia que chegauão ás nuuês. O que vendo algūs moradores de Goa que ião no batel, requererão a Antonio galuão que não sayse do rio por que se perderia. Ao que ele respondeo, que não cuydassem que ia a nao por ter laa fazenda & saluar que aa não tinha, e não ia se não ajudar a dom Pedro a saluar aquella nao que era del Rey de Portugal com quem viuia, por isso q não auia de deixar dir por mayor tormenta que fizesse que nosso senhor os ajudaria, e eles insistião que

não podia ir nem auia dir por que se perderia. E insistindo nisto o que gouernaua ho batel encaminhou pera terra, & Antonio galuão oh fez gouernar pera a não ameaçando-ho q ho mataria e a que dissesse que não fossem por diante & valeolhe os que leuaua da sua parte, por que se isso não fora fizeram-no tornar pera terra, & poendo a proa naqueles mares & rompendo por eles com muyto perigo de sua vida por as ondas comerem ho batel chegou tão perto da nao que lhe lançarão dela hua beta por onde ho batel foy alado a bordo, onde não podia chegar com a grande resaca dos mares que empuxauão ho batel muy lóge. E entrado Antonio galuão na nao com os seus achou dom Pedro com os estauão na nao em muyto grande afronta por não poderem vencer a muyta agoa que ela fazia, nem prestou a ajuda que ele e os seus lhe derão. E vendo dom Pedro que a nao não tinha remedio se não perderse mandou acódir aa fazenda del rey que lhe lembraua mais de saluar que a sua, por que vendo hum seu criado quã pouco lhe ela lembraua a respeito da del rey, lhe disse que a mandasse oulhar por que se perdia toda, ao que ele respondeo muyto menencorio; A del rey queria eu salua, que da minha não me dá nada que se perca. A assi ho fez que deixou perder muyta parte dela por saluar a del rey em que leuou assaz de trabalho. E vendo por derradeiro que a nao não podia escapar, mandou dar aa vela varou em terra que era a maré chea: & coeste ardil se aproueytou muyto do que ia na nao, & ela acabou ali, sem da cidade ousar ninguem dacodir cõ medo do mar se não Antonio galuão.

CASTANHEDA, Fernão Lopes de (1500-1559). Crônica do Descobrimento da Índia (1551-1561). Apud: RIBEIRO, João. (org.) Selecta Clássica. 4. ed. São Paulo: Francisco Alves, 1931. p. 186-189.